

Brasil em convalescença

ESTADO DE SÃO PAULO

A economia voltou a crescer no primeiro trimestre, segundo os números divulgados anteontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa expansão se explica pela exportação de industrializados e pelo início da colheita de verão-outono, uma das maiores da história brasileira.

Na comparação entre os dados de janeiro-março e os do último trimestre de 1991, encontra-se um Produto Interno Bruto (PIB) 0,72% maior, descontado o efeito sazonal. Esse número resulta de um aumento de 10% na produção agropecuária, de uma redução de 1,85% no produto da indústria e de uma expansão de 0,31% no do setor de serviços. Este é o quadro para quem deseja identificar tendências. Quando se confrontam os dados com os do primeiro trimestre do ano passado, os números resultantes são muito maiores, porque a base é muito deprimida. O cálculo acaba indicando um PIB 5,82% maior e uma produção industrial 6,21% superior. Essas porcentagens são pouco significativas.

As informações relevantes podem assim resumir-se: o setor agropecuário respondeu

muito bem aos estímulos do ano passado (favorecido também pela boa distribuição de chuvas) e, em segundo lugar, o produto industrial caiu menos do que no trimestre final de 1991. Há, portanto, sinais inequívocos de uma recuperação nos primeiros meses do início de 1992. A melhora, segundo apurou o IBGE, ocorreu também no valor do salário médio e na massa salarial, apesar do desemprego.

A recuperação da economia poderá prosseguir, segundo técnicos do IBGE, mas não há como estabelecer previsão segura. A exportação deve continuar em ritmo satisfatório, se a taxa de câmbio se mantiver atualizada. Uma retomada firme dos negócios dependerá, contudo, de dois fatores: a elevação do investimento industrial e o aumento de confiança dos consumidores. Algumas empresas têm programado importantes gastos de capital. Se for possível apostar na baixa da inflação, o estímulo à retomada dos negócios produtivos (e não só de especulação) será mais intenso. Esse estímulo será tanto maior quanto mais se possa confiar no avanço da política de ajuste do Estado.